

Abigail Ascenso nasceu em 1979, em Leiria. Licenciada em Design de Comunicação/Arte Gráfica pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, fundou em 2003, com Fedra Santos, o atelier Furta-cores Design e Comunicação, onde tem desenvolvido trabalho nas áreas de design gráfico, fotografia e ilustração infantil. Entre os livros que ilustrou encontram-se *Insectos em Missão Especial*, de Marília Ascenso; *As Visitas do Pai Natal* e *Será que Sou Neto da Bruxa*, de José Viale Moutinho; *A minha Irmã e Eu* e *O meu Irmão e Eu*, de Maria Teresa Maia Gonzalez.




Governo dos Açores
Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social
Direcção Regional da Igualdade de Oportunidades

Susana Teles Margarido

Diário do Meu Segredo

Diário do Meu Segredo

Susana Teles Margarido

Ilustrado por
Abigail Ascenso



Susana Teles Margarido nasceu em Ponta Delgada, São Miguel – Açores. É licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores, pós-graduada em Protecção de Menores pela Faculdade de Direito de Coimbra, pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas e mestre em Literatura Infanto-Juvenil pela Universidade dos Açores. Já escreveu diversos livros infantis, entre os quais *Os Sonhos de Inês*, *Luna* e *as Ilhas Fantásticas dos Açores*, *O Menino Perdido* e *Minha Querida Avó* e um ensaio (*O discurso de Género nos Manuais Escolares do 1.º Ciclo*).

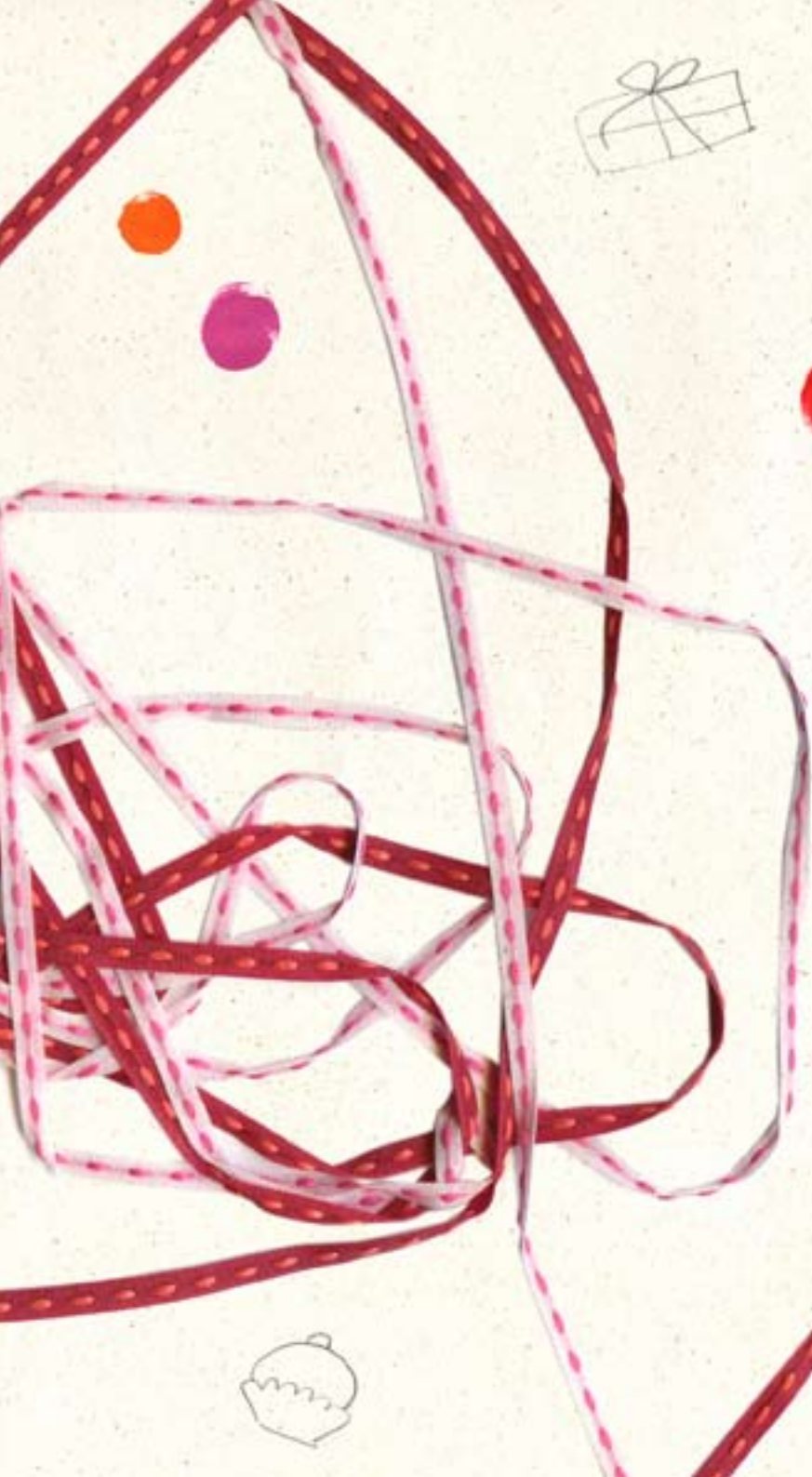
Diário do Meu Segredo

Susana Teles Margarido

Ilustrado por
Abigail Ascenso



Mafalda




Domíngo, 12 de Abril

O meu nome é Mafalda e fiz ontem nove anos.

Como me tenho portado muito bem, a minha mãe organizou uma grande festa e vieram cá a casa as minhas melhores amigas. O Francisco e o Ricardo também vieram. São os rapazes da minha sala mais simpáticos; isto é, são os menos chatos.





Gosto muito das minhas amigas, mas não sei de qual gosto mais... talvez da Margarida... ou da Júlia...

Penso que gosto muito de todas, mas aquela a quem eu conto todos os meus segredos é a Laura – todos não, quase todos. Então, deve ser dela de quem eu gosto mais.

A Margarida ofereceu-me este diário. Disse que era para eu escrever as coisas que não posso contar a ninguém. Depois devo fechá-lo com uma chave e guardá-lo no fundo de uma gaveta, debaixo das roupas, para ninguém ver.

Eu tenho, de facto, alguns segredos que não conto a ninguém, mas a maior parte deles conto à Laura.



A Laura sabe que eu gosto do Francisco e nunca revelou os meus desabafos. Ela acha que o Francisco também gosta de mim, mas finge que não gosta e nos intervalos vai jogar à bola para disfarçar.

Já tentei meter-me no jogo, mas caí e esfolei os joelhos. Quando cheguei a casa levei um raspanete do meu pai, que diz que futebol é coisa de rapazes e eu tenho é de tirar boas notas para um dia ser médica como ele.



O meu pai é médico. É director de um serviço aqui no hospital da cidade. Ele diz que para chegar onde chegou é preciso muito esforço. É por isso que ele não me deixa ver televisão nem brincar durante a semana. Com o meu irmão Guilherme é a mesma coisa. Ele só tem sete anos, mas pelo que o pai diz «é de pequenino que se torce o pepino».





Ao fim-de-semana brincamos um pouco na piscina e no jardim da nossa casa. Às vezes, um domingo por mês, vamos ao cinema, mas é o pai que escolhe os filmes que podemos ver, porque «anda por aí muita porcaria que só serve para pôr disparates na cabeça dos miúdos».

Nunca tive nenhuma negativa. Estudo muito todos os dias, mas quando faço testes fico sempre com muito medo de não ter uma boa nota. A minha mãe diz que são inseguranças próprias da minha

idade, mas o meu pai diz que se eu estudasse como devia ser não ficava nervosa. Ainda não percebi quem tem razão.

Já é tarde, vou ter de esconder muito bem este diário; se o pai o apanha “estou feita”. Penso que o mais difícil é começar a escrever, depois as palavras surgem como que por magia.



É muito bom poder desabafar...

Terça-feira, 28 de Abril

Hoje estiveram na escola duas senhoras doutoras que falaram de coisas muito importantes – elas disseram que eram mesmo muito, muito importantes.

Falaram de igualdade de oportunidades entre as pessoas. Disseram que as pessoas são diferentes, mas que têm direitos e deveres iguais e que não podemos discriminar ninguém. Eu não sabia que palavra era esta e fui ver ao dicionário e descobri que discriminar é tratar certas pessoas

de forma diferente só porque elas não são iguais a nós.

Há pessoas que tratam mal as crianças, os idosos e os deficientes só porque eles são mais frágeis.

Isto é uma vergonha! Como é que uma pessoa por ser mais forte pode bater, dar empurrões ou dizer coisas feias a um idoso ou a um deficiente ou a alguém de outro sexo ou de outra cor? E ainda por cima elas disseram que é crime.





Quando as doutoras perguntaram se tínhamos dúvidas eu levantei o dedo. Ficaram todos a olhar para mim. Fiquei sem saber o que perguntar e depois murmurei:

- Bater nos filhos também é crime?

Mal acabei de perguntar isto senti um calor enorme na cara. Devia estar com ar de tomate. Que vergonha...

Começaram todos a rir e o André até perguntou em altos berros e risadas:

- O teu "papá" bate-te? Coitadinha da menina...

Quase chorei, mas aguentei-me. As doutoras e o meu professor Pedro entrevistaram e não estavam a achar piada nenhuma àquelas risotas.

- Que disparate é este? Estamos a falar de coisas muito sérias! - gritou o professor.

A doutora mais baixa tomou, então, a palavra.

- Se um pai ou uma mãe batem nos filhos por tudo e por nada e ainda os magoam, estamos perante uma situação de maus-tratos infantis. Se eles não cuidam dos filhos devidamente, não lhes dando alimentos, não os educando, deixando-os faltar à escola, entre outras coisas prejudiciais a um bom desenvolvimento, estamos perante situações de negligência que também podem ser consideradas maus-tratos.



- E os castigos? A minha mãe não me deixa ver televisão durante uma semana quando apanho uma negativa - perguntou a Mariana.

- Isso é a forma que ela encontrou de te penalizar por não estudares. É uma forma de te educar. Não é nenhum crime. Às vezes é necessário fazer coisas dessas para que vocês se apliquem nos estudos.

Saí daquela "aula" muito confusa e triste; e ainda estou. As doutoras disseram que se formos vítimas de maus-tratos ou virmos alguém sê-lo, temos o dever de denunciar. A denúncia pode ser feita na Polícia ou em algumas instituições. Mas quem é que tem coragem de fazer queixa da família?



Ainda bem que tenho este diário; não
ia conseguir ter um desabafo destes
com a Laura.

eu não digo a ninguém

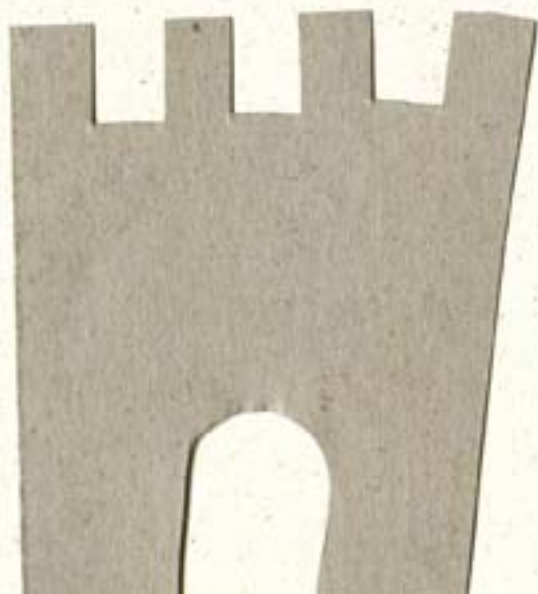



Quinta-feira, 14 de Maio

Desde que comecei a escrever, o que me acontece de mais importante todos os dias, sinto um certo alívio. É muito bom contar os nossos segredos e preocupações e termos a certeza de que nunca serão revelados.

Hoje fizemos uma visita de estudo ao Castelo e a seguir fomos à praia que fica mesmo ali ao lado.

O meu pai não me queria deixar ir. Disse que era tempo perdido, que eu tinha muito que estudar porque o ano estava a acabar; mas o professor telefonou-lhe e disse que eu era a única lá da sala que não ia. Então o pai ficou meio receoso e, mesmo contrariado, autorizou, com uma lista de recomendações. A primeira era não tirar a t-shirt para não apanhar nenhum “escaldão”. Depois vinham as outras: não tirar o boné, usar protector, usar braçadeiras... enfim, montes de coisas.





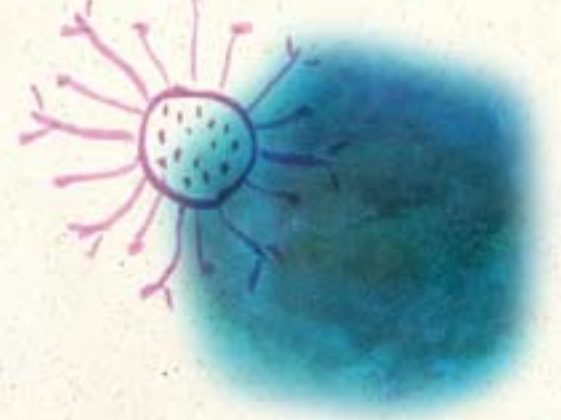
Quando vi que as minhas colegas estavam a tomar banho sem t-shirt senti-me ridícula e despi também a minha; o pai não iria descobrir.

Pouco depois o Pedro chamou-me:

– Mafalda, tens várias nódoas negras nas costas. O que é que te aconteceu?

Apesar de molhada senti um calor a subir-me desde os pés até aos cabelos. E agora? A mãe diz sempre «A nossa vida não é para contar a ninguém. O que se passa cá em casa só a nós diz respeito».

Não podia traír a minha família.



– É... foi... eu caí!

– Caíste quando? É que tens marcas recentes e antigas.

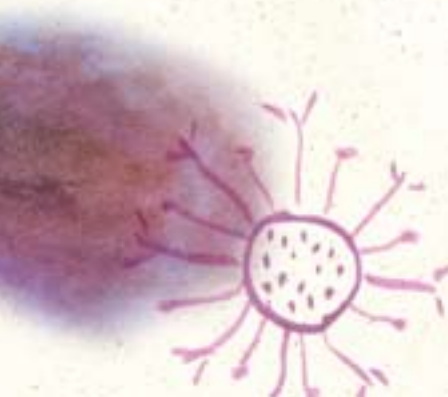
– Ora, professor, eu caio quase todos os dias...

– E caís sempre de costas?... Queres falar sobre isso?

– É o tapete... o tapete da cozinha escorrega muito e eu caio. Às vezes também escorrego no tapete da casa de banho.

– E és só tu que caís, lá em casa?

– Não, professor. A minha mãe cai muito mais do que eu; e o Guilherme também cai de vez em quando.



Percebi que o Pedro não achou muita piada às nossas quedas. Ele ficou com um ar muito sério... desconfiado.

Consegui deitar-me antes do pai chegar a casa, o que é ótimo porque não o ouço a gritar ou a resmungar com a mãe. Ele hoje teve um jantar com os colegas do hospital; uma despedida de solteiro.

A mãe quando soube que ia haver um casamento perguntou: «Quem é a vítima?».

O pai respondeu furioso:

- Ela só será vítima se não se portar bem. Se ela fizer o que ele quer até pode ser feliz.


Pelas minhas contas só se pode ser feliz se se obedecer ao marido. Caso contrário daremos muitas quedas.






Sábado, 30 de Maio

Hoje é sábado e fui passar o dia com a Laura. O pai foi a um congresso e a mãe deixou-me sair um pouco para “desopilar”. O Guilherme também foi a um churrasco, em casa do Filipe. É claro que o meu pai não sabia de nada; foi um convite que nos fizeram depois de ele sair. A mãe achou que era uma boa oportunidade de convivermos um pouco e aproveitou para ir ao Centro Comercial.



A minha mãe antes de casar era engenheira numa grande fábrica, mas quando eu nasci o pai disse que ela tinha de ficar em casa a cuidar de mim e das tarefas domésticas. Ela nunca sai de casa para se divertir. Quando sai, ou vai ao supermercado, ou à escola, ou a casa dos meus avós.

No Verão fazemos sempre uma viagem de uma semana para um país qualquer. O pai diz que para saídas já chega, que ela tem é de tomar conta de nós e da casa.



Quando a mãe diz que gostaria de voltar a trabalhar há sempre discussão e ela acaba a chorar no quarto. No dia seguinte acorda com a cara inchada e eu sei que ela não caiu.

Diverti-me muito. Em casa da Laura não há piscina, nem um jardim grande. É uma casa mais pequena do que a minha, mas há alegria em todos os cantos.

A mãe e o pai da Laura estiveram a jogar Play-Station connosco e foi espectacular. Fartamo-nos de rir. Depois jogámos um pouco de pingue-pongue e fomos andar de bicicleta para o jardim. Antes de irem levar a casa ainda fomos comer um gelado de chocolate e morango.



Só percebi o problema das nossas saídas quando cheguei. O congresso acabou antes das 6 horas da tarde ou então o pai saiu mais cedo.

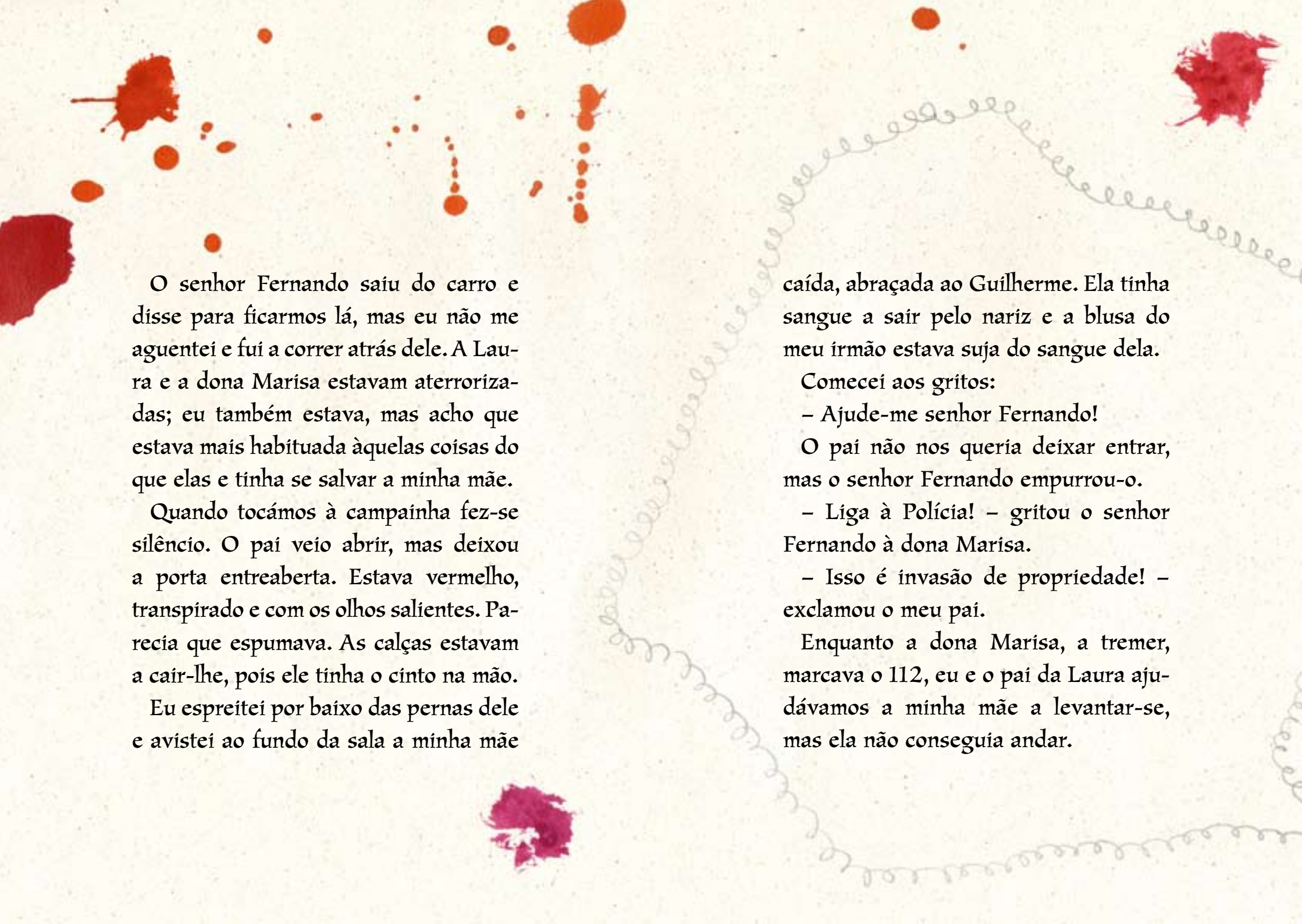
Os gritos ouviam-se na rua e eu fiquei com medo de que os pais da Laura ouvissem. E ouviram. Ficaram com um ar muito assustado e quando eu ia a sair do carro impediram-me.

- Não entres, Mafalda. Penso que teremos de chamar a polícia.

- Polícia!?!.. Mas é o meu pai.

- É o teu pai, mas não pode agredir a tua mãe. Tenho a certeza de que ele está a bater-lhe. - afirmou o senhor Fernando.



The page features several red ink splatters of varying sizes and colors, ranging from bright red to a darker, almost purple-red. A decorative, wavy line in a light grey or blue color curves across the right side of the page. The text is arranged in two columns, with the left column containing two paragraphs and the right column containing three paragraphs.

O senhor Fernando saiu do carro e disse para ficarmos lá, mas eu não me aguentei e fui a correr atrás dele. A Laura e a dona Marisa estavam aterrorizadas; eu também estava, mas acho que estava mais habituada àquelas coisas do que elas e tinha se salvar a minha mãe.

Quando tocámos à campainha fez-se silêncio. O pai veio abrir, mas deixou a porta entreaberta. Estava vermelho, transpirado e com os olhos salientes. Parecia que espumava. As calças estavam a cair-lhe, pois ele tinha o cinto na mão.

Eu espreitei por baixo das pernas dele e avistei ao fundo da sala a minha mãe

caída, abraçada ao Guilherme. Ela tinha sangue a sair pelo nariz e a blusa do meu irmão estava suja do sangue dela.

Comecei aos gritos:

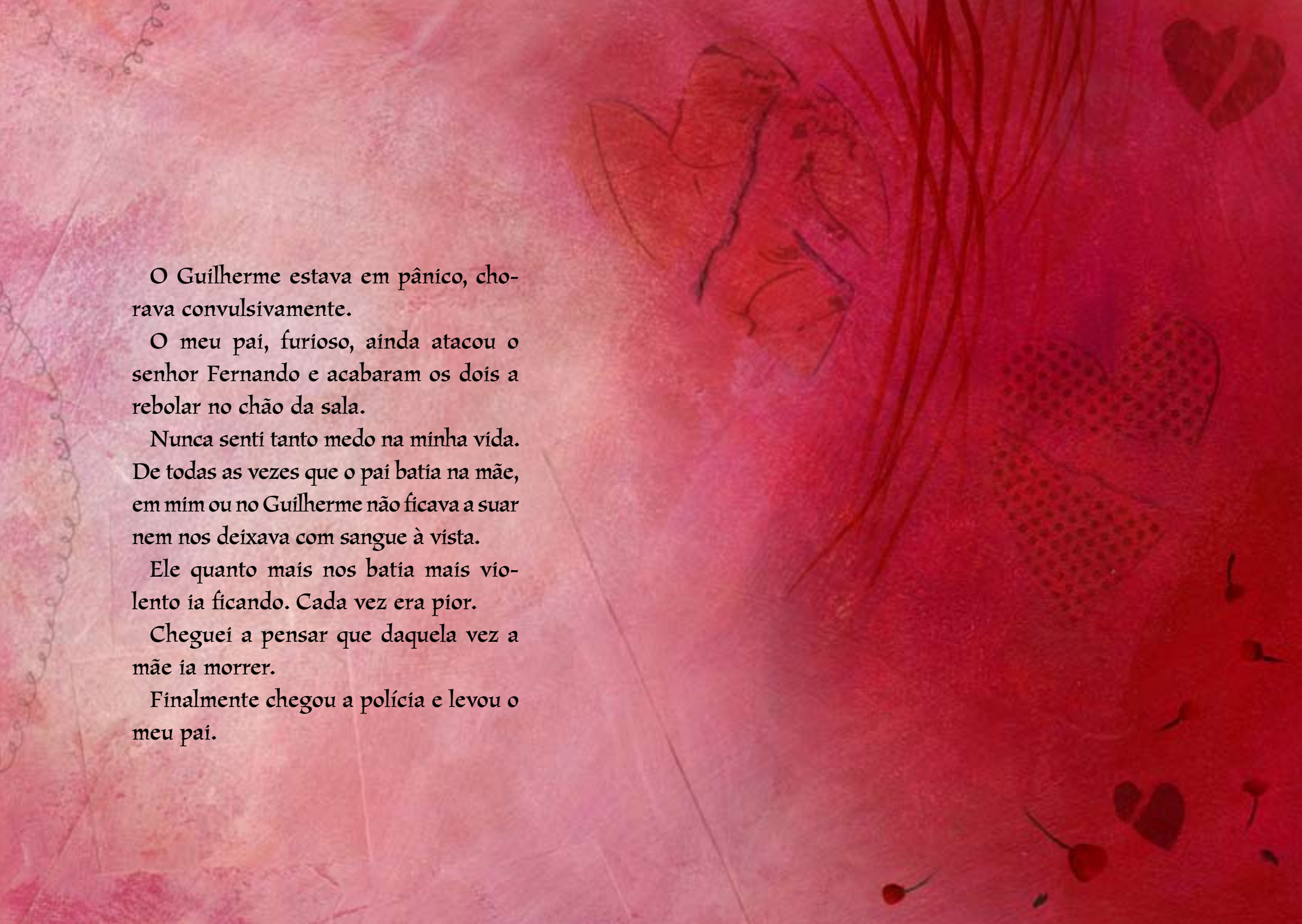
– Ajude-me senhor Fernando!

O pai não nos queria deixar entrar, mas o senhor Fernando empurrou-o.

– Liga à Polícia! – gritou o senhor Fernando à dona Marisa.

– Isso é invasão de propriedade! – exclamou o meu pai.

Enquanto a dona Marisa, a tremer, marcava o 112, eu e o pai da Laura ajudávamos a minha mãe a levantar-se, mas ela não conseguia andar.



O Guilherme estava em pânico, chorava convulsivamente.

O meu pai, furioso, ainda atacou o senhor Fernando e acabaram os dois a rebolar no chão da sala.

Nunca senti tanto medo na minha vida. De todas as vezes que o pai batia na mãe, em mim ou no Guilherme não ficava a suar nem nos deixava com sangue à vista.

Ele quanto mais nos batia mais violento ia ficando. Cada vez era pior.

Cheguei a pensar que daquela vez a mãe ia morrer.

Finalmente chegou a polícia e levou o meu pai.

Quarta-feira, 24 de Junho

Acabei por perceber que tudo o que as duas doutoras disseram na aula acontecia na minha casa. Às vezes eu pensava que todas as famílias eram assim. Que era normal; afinal eu não conhecia as outras famílias.

A minha mãe ficou uns dias internada no hospital onde o meu pai era director.

Os colegas ficaram chocadíssimos: «ele era tão bom colega, tão profissional, tão calmo...».

Pois era. Mas era só fora de casa. Em casa andava sempre mal-humorado e batia-nos por tudo e por nada.

Sempre achei que se contasse este segredo a alguém não iam acreditar em mim. Todas as pessoas diziam que «o senhor doutor é um exemplo de um grande marido e de um grande pai».



O pai foi levado a um Juiz que o mandou afastar-se de nós enquanto espera pelo julgamento. Isto é, ele não pode aproximar-se de nenhum de nós até ser julgado e quando for pode ir para a prisão. Ele cometeu um crime.

O Juiz disse que nós ficávamos a viver na nossa casa e que o pai é que tinha de sair.

Ele foi viver para um apartamento no centro da cidade e está suspenso do hospital e com um processo. Penso que agora estará arrependido, mas deve ser só porque foi descoberto.

A mãe anda mais calma e diz que vai voltar a trabalhar quando estiver melhor. Ela decidiu que vamos ser felizes.



mas eu gosto tanto do meu pai, apesar de tudo

O meu professor quis falar comigo sobre tudo isto.

– Eu percebo que tenhas tido medo e vergonha de contar uma coisa destas, Mafalda. Mas se as pessoas forem corajosas podem evitar que estas situações aconteçam e se mantenham por muito tempo.

– Pensei que nas outras famílias também aconteciam coisas destas. Agora entendo que isto não é normal, que devia ter feito queixa dele... mas eu gosto tanto do meu pai, apesar de tudo.

– Entendo o teu comportamento. Sabes que nem todas as histórias acabam assim? Há pessoas que vivem situações destas a vida inteira; há mulheres que acabam por morrer. As pessoas têm de denunciar.

O Pedro deixou-me a pensar.




Sexta-feira, 18 de Setembro

Passei muitos dias sem escrever neste diário. Ele é mais um semanário ou um “mensário”. Só escrevo quando me apetece, quando estou muito triste ou muito feliz.

Hoje estou muito contente. A mãe começou a trabalhar.


Os meus pais divorciaram-se. Nesse dia não fiquei nada satisfeita, mas percebo que quando as pessoas não se respeitam, já não se amam e estão infelizes o melhor é separarem-se de vez.



Gostava muito de ter uma família como a da Laura. Esses, sim, são felizes.

Nós também podemos ser felizes, mas o pai não poderá voltar a viver connosco. Iremos visitá-lo sempre que for possível e tentaremos demonstrar que apesar de tudo ainda o amamos.

Ele anda a fazer psicoterapia. É uma forma de se tratar para deixar ser violento. Talvez um dia se cure e venha de novo a ser feliz.



Quando for crescida e tiver um namorado, e, talvez, mais tarde, um marido, faço questão de que ele me trate com muito amor e carinho. Se ele um dia, de alguma forma, for agressivo, acabo com tudo e faço queixa dele.

Todas as pessoas têm de lutar pela sua felicidade, não podemos permitir que nos magoem.

Tenho quase a certeza de que o Francisco nunca será violento; é muito meiguinho. Ele ontem, finalmente, disse-me que gostava de mim.

Estou mesmo muito feliz.





Título Diário do Meu Segredo

Autora Susana Teles Margarido

Ilustrações Abigail Ascenso

Design Furtacores Design

Revisão Brites Araújo

Edição Direcção Regional da Igualdade de Oportunidades

Execução Gráfica Nova Gráfica

ISBN 978-989-96363-2-3

Tiragem 5000 exemplares

Depósito Legal ???

